

A RELAÇÃO DO HOMEM COM O MEIO AMBIENTE: UMA ABORDAGEM TEOLÓGICA

THE RELATIONSHIP OF MAN WITH THE ENVIRONMENT: A THEOLOGICAL APPROACH

RELACIÓN DEL HOMBRE CON EL MEDIOAMBIENTE: UN ACERCAMIENTO TEOLÓGICO

Eder Henrique Santos¹

Resumo

Este artigo oferece uma reflexão sobre a relação do homem com a natureza a partir do olhar da teologia. Essa relação tem produzido muitas discussões ao redor do mundo, de maneira que uma perspectiva teológica sobre o assunto tem muito a acrescentar. Além da Sagrada Escritura e de autores importantes, a Carta Encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco, é texto base para este trabalho. A encíclica, publicada em 24 de maio de 2015, não foi escrita só para católicos, pois fala sobre o cuidado com a “casa comum”. Portanto, a apresentação de uma visão teológica sobre essa temática pretende apontar saídas para uma educação e uma espiritualidade voltadas para o cuidado do planeta.

Palavras-chave: educação; espiritualidade; ecologia; teologia.

Abstract

This article reflects on the relationship of man with nature from a theological approach. This relationship has produced many discussions around the world, so a theological perspective on the subject has much to add. In addition to Sacred Scripture and important authors, Pope Francis' Encyclical Letter *Laudato Si'* is the basic text for this work. The encyclical, published on 24 May 2015, was not written only for Catholics, as it talks about the care of the "common home". Therefore, the presentation of a theological view on this theme intends to point out ways for an education and a spirituality focused on the care of the planet.

Keywords: education; spirituality; ecology; theology.

Resumen

Este artículo ofrece una reflexión sobre la relación del hombre con la naturaleza a partir de la mirada de la teología. Esa relación ha producido muchas discusiones en el mundo, de manera que una perspectiva teológica sobre el tema tiene mucho a acrescentar. Además de la Sagrada Escritura y de autores importantes, la Carta Encíclica *Laudato Si'*, del Papa Francisco, es texto base para este trabajo. La encíclica, publicada el 24 de mayo de 2015, no fue escrita solo para católicos, pues habla del cuidado de la “casa común”. Por lo tanto, la presentación de una visión teológica sobre esa materia pretende apuntar salidas hacia una educación y una espiritualidad dirigidas al cuidado del planeta.

Palabras-clave: educación; espiritualidad; ecología; teología.

1 Introdução

A Igreja, Povo de Deus e prolongamento do corpo de Cristo, tem a missão de anunciar o Evangelho a todos os povos. Ela sabe que somente através de Jesus Cristo, que é “o Caminho,

¹ Graduando do Curso de Teologia pelo Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: ederhsc@gmail.com.

a Verdade e a Vida” (Jo 14,6), o homem e toda a humanidade podem encontrar a salvação integral, ou seja, em todas as suas dimensões. Por essa razão, a Igreja cumpre a sua missão ao falar de questões que abrangem as variadas realidades do homem como a economia, a política, o trabalho, a técnica, a comunicação, as relações com a natureza, as relações entre os povos e etc.

Nesta perspectiva, o Pontifício Conselho “Justiça e Paz”, órgão da Santa Sé, elaborou um documento intitulado *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, que apresenta de maneira abrangente e orgânica o seu ensinamento social. Este ensinamento foi sendo formado ao longo da história, fruto da reflexão do magistério, que se empenha em todos os tempos em dar respostas à humanidade testemunhando, assim, “a fecundidade do encontro entre o Evangelho e os problemas com que se depara o homem no seu caminho histórico” (PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2011, p. 20).

A Igreja também sabe que “o amor é capaz de transformar de modo radical as relações que os seres humanos têm entre si” (PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2011, p. 18), por isso, propõe a sua doutrina social que convida a toda a humanidade a um humanismo que esteja à altura do projeto de “amor de Deus sobre a história, [...] capaz de animar uma nova ordem social, econômica e política, fundada na dignidade e na liberdade de toda pessoa humana, a se realizar na paz, na justiça e na solidariedade” (PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2011, p. 24).

Dentro desta temática, este trabalho, intitulado *A relação do homem com o meio ambiente: uma abordagem teológica*, se justifica, pois oferece uma reflexão sobre a relação do homem com a natureza a partir do olhar da teologia. Essa relação tem produzido muitas discussões ao redor do mundo, de maneira que uma reflexão teológica sobre esse assunto tem muito a acrescentar. Além da Sagrada Escritura (fonte primária por excelência) e de autores importantes, a Carta Encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco é texto base para essa reflexão.

Ora, “*Laudato Si', mi* – Louvado sejas, meu Senhor” (FRANCISCO, 2015, p. 3) era como São Francisco de Assis cantava no seu famoso *Cântico das Criaturas*. O Papa se inspirou no santo de Assis para escrever esta carta que fala sobre o cuidado com o planeta. Segundo o Papa, São Francisco “é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade” (FRANCISCO, 2015, p. 10). Com efeito, também se utilizam os ensinamentos de São Francisco para entendermos como podemos contemplar o Criador através das criaturas e, para este fim, se faz uma reflexão sobre o *Cântico do Irmão Sol*.

Como se observa no próprio título deste trabalho, o objetivo geral é abordar de maneira teológica a relação do homem com o meio ambiente apontando saídas para uma educação e uma espiritualidade voltadas para o cuidado do planeta. Assim, para melhor exposição do tema, se utilizou o método teológico e o trabalho foi dividido em quatro partes.

Na primeira (Ecologia e Cristianismo), serão apontadas algumas passagens bíblicas que comprovam que não há contradição na relação entre ecologia e cristianismo.

Na segunda (O Cântico do Irmão Sol), será apresentado o *Cântico do Irmão Sol*; através dos seus versos aprende-se com o santo de Assis que o cuidado com a natureza faz parte do ser cristão.

Na terceira parte (Educação e Espiritualidade ecológicas - apontamentos da *Laudato Si'*), serão abordados alguns apontamentos feitos pelo Papa Francisco na sua encíclica. Essa carta, publicada em 24 de maio de 2015, não foi escrita só para os católicos, mas para todos os habitantes do planeta. Ela tem seis capítulos que seguem a metodologia latino-americana do Ver-Julgar-Agir-Celebrar. Assim, a terceira parte do trabalho se insere no momento do celebrar na encíclica do Papa Francisco, onde ele recorda a importância da espiritualidade na vida do homem. Dessa maneira, aprende-se como a espiritualidade pode provocar a mudança de mentalidade para uma verdadeira educação ecológica.

Na quarta parte (Conclusão), apresentam-se as considerações finais do autor e sobre a conformidade deste artigo com a Doutrina Social da Igreja, preocupada em dar respostas sobre as questões que envolvem o cuidado com o planeta. Nesta última parte serão apontados também alguns caminhos que levam o homem ao humanismo integral e solidário, tão almejado por esta doutrina. Passa-se agora ao desenvolvimento do tema.

2 Ecologia e Cristianismo

Nas primeiras narrações bíblicas sobre a criação vemos que Deus criou todas as coisas e que depois que criou o homem e a mulher, o Criador “viu tudo quanto havia feito, e era muito bom” (Gn 1,31). Neste cenário, descrito nas primeiras páginas do livro do Gênesis, existia uma harmonia perfeita entre o homem e a natureza. A relação do homem com Deus era tão íntima que, segundo o texto bíblico, na brisa da tarde Deus costumava passear pelo jardim para se encontrar com ele (cf. Gn 3,8).

Com efeito, para Francisco (2015, p. 54), “estas narrações sugerem que a existência humana se baseia fundamentalmente sobre três relações intimamente ligadas, que são: a relação com Deus, com o próximo e com a terra.” Para ele, a Sagrada Escritura nos ensina que estas

três relações vitais se romperam também no interior do homem e não só exteriormente. “Esta ruptura é o pecado. A harmonia entre o Criador, a humanidade e toda a criação, foi destruída por termos pretendido ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecer-nos como criaturas limitadas” (FRANCISCO, 2015, p. 54). Além do mais, João Paulo II (1997, p. 2) concorda que “a relação que o homem tem com Deus é que determina a relação do homem com os seus semelhantes e com o seu ambiente” (PAULO II, 1997, p. 2). Assim, por essas afirmativas, nota-se que o pecado é a causa de todas as desordens da humanidade e a origem da falta de respeito do homem para com Deus, com o próximo e a natureza.

De fato, ainda no relato da criação, Deus dá uma ordem ao homem para dominar a terra e todos os seres criados (cf. Gn 1,28), contudo, como consequência do pecado, o homem distorceu esta ordem não considerando o sentido correto do termo “dominar”. Para Francisco (2015, p. 55),

não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada. Isto permite responder a uma acusação lançada contra o pensamento judaico-cristão: foi dito que a narração do Gênesis, que convida a “dominar” a terra (cf. Gn 1,28), favoreceria a exploração selvagem do ser humano como dominador e devastador. Mas esta não é uma interpretação correta da Bíblia, como a entende a Igreja. Se é verdade que nós, cristãos, algumas vezes interpretamos de forma incorreta as Escrituras, hoje devemos decididamente rejeitar que, do fato de ser criados à imagem de Deus e do mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre todas as criaturas. É importante ler os textos bíblicos no seu contexto, com uma justa hermenêutica, e lembrar que nos convidam a “cultivar e guardar” o jardim do mundo (cf. Gn 2,15). Enquanto “cultivar” quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, “guardar” significa proteger, cuidar, preservar, velar. Isto implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza.

Além disso, a relação de reciprocidade que deve existir entre o ser humano e a natureza permite ao homem retirar da terra o seu sustento, mas sempre cuidando para que as próximas gerações também possam sobreviver dela. Ora, o salmista nos lembra que “do Senhor é a terra” (Sl 24/23,1) e no livro que fala das leis, o Senhor proíbe toda a pretensão do homem de posse absoluta: “As terras não se venderão a título definitivo, porque a terra é minha, e vós sois estrangeiros e meus agregados” (Lv 25,23). Consequentemente, Bento XVI (2009, p. 89) ressalta que o ambiente “foi dado por Deus a todos, constituindo o seu uso uma responsabilidade que temos para com os pobres, as gerações futuras e a humanidade inteira.” Para ele, toda a natureza expressa o amor de Deus pela humanidade e caminha para uma restauração em Cristo, no fim dos tempos (cf. Ef 1,9-10; Cl 1,19-20).

Por conseguinte, além da responsabilidade do homem para com uma terra que não é sua e sim de Deus, a Sagrada Escritura também adverte quanto ao cuidado que se deve ter com todos os seres criados, uma vez que “pelo simples fato de existirem, eles O bendizem e Lhe dão

glória” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2000, p. 624). Assim, o último dia da semana da criação é dedicado ao descanso, porém, não só do repouso que o homem necessita, mas “para que descansem também o boi e o jumento” (Ex 23,12). E mais, “as diferentes criaturas, queridas pelo seu próprio ser, refletem, cada qual a seu modo, uma centelha da sabedoria e da bondade infinitas de Deus” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2000, p. 99). Francisco (2015, p. 58) ressalta que:

Na narração de Caim e Abel, vemos que a inveja levou Caim a cometer a injustiça extrema contra o seu irmão. Isto, por sua vez, provocou uma ruptura da relação entre Caim e Deus e entre Caim e a terra, da qual foi exilado. [...] Deus pergunta: “Onde está teu irmão Abel?” Caim responde que não sabe, e Deus insiste com ele: “Que fizeste? Do solo está clamando por mim a voz do sangue do teu irmão! Agora serás amaldiçoado pelo próprio solo [...]. Tu virás a ser um fugitivo, vagueando sobre a terra” (Gn 4,9-12). O descuido no compromisso de cultivar e manter um correto relacionamento com o próximo, relativamente a quem sou devedor da minha solicitude e proteção, destrói o relacionamento interior comigo mesmo, com os outros, com Deus e com a terra.

Desta forma, a vida está em perigo quando a injustiça provocada pelo pecado domina o mundo. Mas, apesar do pecado do homem, Deus não o deixa sozinho à própria sorte; pelo contrário, como se percebe no relato do pecado original, capítulo 3 do livro do Gênesis, Deus faz para o homem e para a mulher túnicas de pele e os veste (cf. Gn 3,21), demonstrando o cuidado e o amor que tem por eles. Aliás, Deus continua proporcionando à humanidade toda a condição de sobrevivência. Cabe ao homem a responsabilidade de preparar o solo, plantar a semente e colher, enfim, retirar da terra o seu sustento sem se esquecer que também cabe a ele a preservação de toda vida, ou seja, a sua vida, a vida do próximo e a vida dos outros seres criados. Pois, ressalta Francisco (2015, p. 72), “toda a natureza, [...] é lugar da presença de Deus. [...] A descoberta desta presença estimula em nós o desenvolvimento das ‘virtudes ecológicas’”.

Portanto, o homem não pode permitir que o pecado, causa de toda a injustiça, impere no mundo. Pelo contrário, ele deve romper com o pecado para que assim, restaurando a sua relação com Deus, restaure a sua relação consigo mesmo e com os outros seres que o cercam e que foram dados como dom de Deus para ser cuidados e administrados com responsabilidade.

3 O Cântico do Irmão Sol

Os textos da Sagrada Escritura ressaltados na primeira parte deste trabalho evidenciaram que, se no princípio o homem foi criado “à imagem de Deus” (Gn 1,27), esta imagem e harmonia inicial existente na relação do homem com Deus, consigo mesmo e com a natureza

foi rompida pelo pecado (cf. Gn 3). O pecado provocou a destruição no interior e exterior do homem trazendo como resultado a desordem e o desmantelamento em todas as suas relações. Assim, quando se observa o desmatamento, a poluição das águas dos rios e outras tantas devastações, o que se vê, em última instância, é o retrato do homem pecador.

Para que o homem possa vencer este estado de desordem é necessário que seja restaurada esta imagem distorcida pelo pecado. Por essa razão, a Constituição Pastoral *Gaudium et spes* do Concílio Vaticano II ensina que Deus se fez homem para revelar o homem a si mesmo e para que assim ele descubra a sua sublime vocação que é o amor (VATICANO II, 2011, p. 29). Em outras palavras, a imagem restaurada do homem é a imagem de Jesus Cristo, o próprio Deus que se fez homem, “imagem de Deus invisível” (Cl 1,15), “ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado” (VATICANO II, 2011, p. 29).

Assim, Jesus Cristo é o modelo que deve ser seguido, ou seja, todos os homens e mulheres de boa vontade são chamados a seguirem os seus passos para que, seguindo-o, vivam uma vida de amor e cuidado em todas as suas relações, a exemplo dos santos que conseguiram conformar a sua vida com a vida de Cristo a ponto de dizerem com razão: “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Aliás, os santos conseguem compreender que “todo o universo material é uma linguagem do amor de Deus, do seu carinho sem medida por nós. O solo, a água, as montanhas: tudo é carícia de Deus” (FRANCISCO, 2015, p. 69).

Com efeito, ao se referir à relação do homem com a natureza, não se deve esquecer de mencionar São Francisco de Assis, pois ele ensinou com a sua vida que “do amor a Cristo nasce o amor às pessoas e também a todas as criaturas de Deus. Eis outra característica da espiritualidade de Francisco: o sentido da fraternidade universal e o amor pela criação” (BENTO XVI, 2010, p. 5). Estas características são evidenciadas no *Cântico do Irmão Sol*, que segue:

Louvado sejas meu Senhor,
Com todas as tuas criaturas,
Especialmente o senhor Irmão Sol,
Que clareia o dia e com a sua luz nos alumia.
E ele é belo e radiante
Com grande esplendor:
De ti, Altíssimo, é a imagem.
Louvado sejas, meu Senhor,
Pela Irmã Lua e as Estrelas,
Que no céu formaste claras
E preciosas e belas.
Louvado sejas, meu Senhor
Pelo Irmão Vento,
Pelo ar, ou nublado

Ou sereno, e todo o tempo,
Pelo qual às tuas criaturas dás sustento.
Louvado sejas, meu Senhor
Pela Irmã Água,
Que é mui útil e humilde
E preciosa e casta.
Louvado sejas, meu Senhor,
Pelo Irmão Fogo
Pelo qual iluminas a noite.
E ele é belo e jucundo
E vigoroso e forte (ASSIS, 1991 *apud* FRANCISCO, 2015, p. 72).

Neste cântico, São Francisco de Assis nos mostra como devemos transcender diante das coisas criadas. Elas nos elevam ao Senhor, ou seja, o brilho esplendoroso do sol e da lua nos falam de Deus. De fato, “estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde” (FRANCISCO, 2015, p. 73).

Portanto, o que São Francisco de Assis nos ensina com o *Cântico do Irmão Sol* é a contemplação da natureza para, através dela, chegar ao Senhor. Não se trata de achar que Deus se encerra nas coisas deste mundo, de forma alguma, mas elas contêm em si traços do Criador. Tampouco se trata de colocar o homem no mesmo nível das criaturas ou abaixo delas; isso seria um erro. Ora, “não pode ser autêntico um sentimento de união íntima com os outros seres da natureza, se ao mesmo tempo não houver no coração ternura, compaixão e preocupação pelos seres humanos” (FRANCISCO, 2015, p. 75). Entretanto, o que ele pretendia nos mostrar foi que o amor de Deus envolve todos, seres humanos e criaturas, em uma fraternidade maravilhosa, por isso se dirige a essas criaturas chamando-as de irmão e irmã.

4 Educação e espiritualidade ecológicas: apontamentos da *Laudato Si'*

O que vimos até agora, entre outras coisas, é que todos temos uma origem comum. Deus criou todas as coisas, por amor e para o amor. Contudo, a humanidade se esqueceu disso. Por isso, surgiu este enorme desafio cultural, espiritual e educativo de fazer com que o homem se reconheça, novamente, como pertencente a um todo que caminha junto para um futuro partilhado.

Para Francisco (2015, p. 163), a humanidade deve apontar para outro estilo de vida, uma vez que as pessoas, influenciadas pelo mercado, acabam gastando de forma compulsiva. Isso dá a essas pessoas uma sensação mentirosa de liberdade, pois, na verdade apenas poucas delas, detentoras do poder econômico e financeiro, possuem tal liberdade. Segundo ele, essa situação faz com que a humanidade experimente uma espécie de egoísmo coletivo, ou seja, “quando as

peças se tornam autorreferenciais e se isolam na própria consciência, aumentam a sua voracidade: quanto mais necessita de objetos para comprar, possuir e consumir” (FRANCISCO, 2015, p. 164). Assim, a humanidade tem caminhado para a sua própria destruição. Ora,

não pensemos só na possibilidade de terríveis fenômenos climáticos ou de grandes desastres naturais, mas também nas catástrofes resultantes de crises sociais, porque a obsessão por um estilo de vida consumista, sobretudo, quando poucos têm possibilidade de o manter, só poderá provocar violência e destruição recíproca (FRANCISCO, 2015, p. 165).

Nessas condições, a humanidade é capaz de mudar essa situação. O homem pode olhar para dentro de si e ver que está no caminho errado e assim mudar de direção, sair de si mesmo e buscar o outro. De fato, “quando os movimentos de consumidores conseguem que se deixe de adquirir determinados produtos, [...] isto afeta os ganhos das empresas, estas se veem pressionadas a mudar a produção” (FRANCISCO, 2015, p. 166). Assim, a humanidade tem à sua frente este grande desafio de mudar de hábitos. Por isso, se faz necessária uma educação ambiental. Francisco (2015, p. 168) lembra que esta educação,

no começo, estava muito centrada na informação científica e na conscientização e prevenção dos riscos ambientais, agora tende a incluir uma crítica dos “mitos” da modernidade baseados na razão instrumental (individualismo, progresso ilimitado, concorrência, consumismo, mercado sem regras) e tende também a recuperar os distintos níveis de equilíbrio ecológico: o interior consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual com Deus. A educação ambiental deveria predispor-nos a dar este salto para o Mistério, do qual uma ética ecológica recebe o seu sentido mais profundo.

Dessa forma, pode-se observar que, em muitos casos, tal educação ambiental não consegue atingir as pessoas que, por isso, mantêm os seus hábitos. Ademais, “a doação de si mesmo em um compromisso ecológico só é possível a partir do cultivo de virtudes sólidas” (FRANCISCO, 2015, p. 169). Ou seja, quando uma pessoa que não tem problemas financeiros é capaz de retardar o uso do ar condicionado em um dia ensolarado no Rio de Janeiro, por causa da sua consciência ambiental, isso significa que saiu de si e se abriu ao outro e ao meio ambiente. Ora, “é muito nobre assumir o dever de cuidar da criação com pequenas ações diárias, e é maravilhoso que a educação seja capaz de motivá-las até dar forma a um estilo de vida” (FRANCISCO, 2015, p. 169). Além disso, estes pequenos gestos devolvem ao homem o sentimento de dignidade e de pertença ao todo, que dão sentido à vida.

Com efeito, essa educação ambiental pode ocorrer no âmbito escolar, no âmbito familiar, através dos meios de comunicação, através da catequese etc. No entanto, salienta-se o âmbito familiar, “porque é o lugar onde a vida, dom de Deus, pode ser convenientemente

acolhida e protegida contra os múltiplos ataques a que está exposta, e pode desenvolver-se segundo as exigências de um crescimento humano autêntico” (FRANCISCO, 2015, p. 170). Neste contexto, João Paulo II (1991, p. 31) ressalta que, “a primeira e fundamental estrutura a favor da ‘ecologia humana’ é a família, no seio da qual o homem recebe as primeiras e determinantes noções acerca da verdade e do bem, aprende o que significa amar e ser amado”. De fato, Francisco (2015, p. 170) também salienta que,

na família, cultivam-se os primeiros hábitos de amor e cuidado da vida, como, por exemplo, o uso correto das coisas, a ordem e a limpeza, o respeito pelo ecossistema local e a proteção de todas as criaturas. A família é o lugar da formação integral, onde se desenvolvem os distintos aspectos, intimamente relacionados entre si, do amadurecimento pessoal. Na família, aprende-se a pedir licença sem servilismo, a dizer “obrigado” como expressão de uma sentida avaliação das coisas que recebemos, a dominar a agressividade ou a ganância, e a pedir desculpa, quando fazemos algo de mal. Estes pequenos gestos de sincera cortesia ajudam a construir uma cultura da vida compartilhada e do respeito pelo que nos rodeia.

Com base nesses autores, pode-se afirmar que a família é o primeiro âmbito capaz de renovar a humanidade. No entanto, a Igreja pode e deve ser o lugar onde a família encontra a ajuda necessária para enfrentar este desafio cultural e espiritual. Ela, com sua experiência, sabe que a espiritualidade do homem envolve o seu relacionamento com ele mesmo e com tudo que o rodeia. Ademais, “aquilo que o Evangelho nos ensina tem consequências no nosso modo de pensar, sentir e viver” (FRANCISCO, 2015, p. 172).

Neste contexto, a devastação do meio ambiente, vista por todos exteriormente, é reflexo do vazio que o homem tem em seu interior. Para Francisco (2015, p. 173), “a crise ecológica é um apelo a uma profunda conversão interior”. Assim, os cristãos têm uma responsabilidade muito grande, pois, “viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo de opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial de uma existência virtuosa” (FRANCISCO, 2015, p. 173).

Portanto, todos são convidados a uma conversão ecológica, ou seja, a viver uma sã relação com a criação. Para tanto, deve-se fazer um honesto exame de consciência, reconhecer os pecados e vícios, arrepender-se de coração, encher o interior com os valores do Evangelho e assim mudar a realidade ao redor. Ressalta-se que são pequenos gestos no dia a dia que irão curar a natureza tão sofrida atualmente.

5 Conclusão

Logo na primeira parte deste artigo foi apontado o pecado como causa fundamental de toda a desordem existente no mundo. Assim, vimos que a destruição da natureza é o resultado

do afastamento do homem de seu Criador. Na segunda parte, no entanto, evidenciou-se que existe saída para toda esta destruição, ela passa pelo reconhecimento de que Jesus Cristo é o próprio Deus, que se fez homem para ensinar o homem a ser um verdadeiro ser humano. Ou seja, Ele é o modelo que devemos imitar se quisermos vencer o pecado e vivermos em todas as nossas relações de maneira virtuosa. Aliás, somos chamados a transcendermos como São Francisco de Assis e tantos santos, que foram homens e mulheres que conseguiam ver nas criaturas todas uma centelha do Criador.

Ora, podemos cuidar do nosso planeta a partir de uma mudança interior. A terceira parte deste trabalho ressaltou que essa mudança deve começar na família, pois é no seu seio que se aprendem os primeiros valores. Por que não aprendermos também valores ecológicos? A família não está só nesta tarefa, ela conta com o apoio da Igreja e de todos os cristãos, uma vez que não pode ser chamado de cristão alguém que prejudica o meio ambiente.

Por tudo isso, fica claro que não existe contradição entre ecologia e cristianismo, pelo contrário, ficou evidente que a Igreja, ao falar de questões relacionadas ao meio ambiente, entre outros assuntos, está cumprido o seu papel e seguindo a sua Doutrina Social, preocupada com a casa de todos nós, a nossa casa comum.

Portanto, ao se utilizar o método teológico para produzir este artigo, se atingiu o objetivo geral desta pesquisa, que era falar de maneira teológica de questões relacionadas com o meio ambiente; no entanto, ainda há muitos pontos que precisam ser aprofundados, pois a Teologia pode ajudar muito nesta relação do homem com o meio ambiente.

Referências

BÍBLIA, N.T. Evangelho Segundo São João. *In*: BÍBLIA. Português. **BÍBLIA DE JERUSALÉM**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de Joaquim de Arruda Zamith e outros. São Paulo: Paulus, 2002.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Edições Loyola, 2000. 934 p.

PAPA BENTO XVI. **Carta Encíclica *Caritas in Veritate* sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade**. São Paulo: Paulinas, 2009. n. 193. 142 p.

PAPA BENTO XVI. **Audiência Geral (27 de janeiro de 2010) sobre a vida de São Francisco de Assis**. 2010. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100127.html. Acesso em: 23 nov. 2020.

PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da Casa Comum**. São Paulo: Paulinas, 2015. n. 201. 197 p.

PAPA JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Centesimus annus* no centenário da *Rerum Novarum***. 1991. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html. Acesso em: 18 nov. 2020.

PAPA JOÃO PAULO II. **Discurso aos participantes do Congresso sobre ambiente e saúde (24 de março de 1997)**. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1997/march/documents/hf_jp-ii_spe_19970324_ambiente-salute.html. Acesso em: 18 nov. 2020.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. 5. Imp. São Paulo: Paulinas, 2011. 528 p.

VATICANO II. **Constituição pastoral *Gaudium et spes* sobre a Igreja no mundo de hoje**. São Paulo: Paulinas, 2011. n. 41. 131 p.